

Distopia e utopia ativa: a política revolucionária da Esquizoanálise¹

Dystopia and active utopia: the revolutionary politics of Schizoanalysis

DOMENICO UHNG HUR

Professor Associado de graduação e pós-graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Goiás-UFG
domenicohur@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir algumas alternativas políticas tratadas no pensamento de Deleuze e Guattari para lidar com as distopias do presente. O método utilizado foi a leitura de toda obra dos fundadores da esquizoanálise, na qual pinçamos passagens significativas que tratam de algumas pistas para a transformação do atual estado de forças sociais. Dentre suas diversas propostas, selecionamos quatro: a luta anticapitalista, a luta contra o poder, a luta de classes e a transição da revolução ao devir revolucionário. Constatamos que sua pragmática revolucionária amplia a perspectiva da esquerda tradicional e do marxismo, em que há a ênfase em uma luta contra o poder e o capital também do ponto de vista subjetivo e desejante, a expansão e multiplicação da luta de classes e o deslocamento da apreensão da revolução, que deve ser vivida em sua imanência em todos os espaços sociais, ou seja, fomentando os devires revolucionários. Possivelmente podemos categorizar a esquizoanálise como uma espécie de “pós-marxismo”.

Palavras-chave: Esquizoanálise. Psicologia Política. Filosofia. Esquizodrama. Marxismo.

ABSTRACT

The aim of this article is to know some political alternatives discussed in the thinking of Deleuze and Guattari to deal with the dystopias of the present. The method used was the reading of the entire work of the founders of schizoanalysis, in which we picked out significant passages that deal with some clues for changing the current state of social forces. Among the various proposals, we selected four: the anti-capitalist struggle, the fight against power, the class struggle and the transition from revolution to revolutionary becoming. We found that their revolutionary pragmatics broadens the perspective of the traditional left and Marxism, in which there is an emphasis on a fight against power and capital also from a subjective and desiring standpoint, the expansion and multiplication of the class struggle and the displacement of apprehension of the revolution, which must be experienced immanently in all social spaces, that is, fostering revolutionary becoming. We can possibly categorize schizoanalysis as a type of “post-Marxism”.

Keywords: Schizoanalysis. Political Psychology. Philosophy. Schizodrama. Marxism.

INTRODUÇÃO

Guerras, genocídios e extermínios populacionais, candidatos extremistas políticos vencendo eleições, crise econômica, social, política e existencial generalizada. Enfrentamos um cenário complexo e difícil, ainda mais se pensamos as antigas utopias políticas da revolução, que não se concretizaram. “A Revolução faltou ao encontro” (Reis Filho, 1990).

¹ Recebido em 17 de maio de 2024. Aprovado em 04 de junho de 2024.

As almeçadas revoluções idealizadas pelo pensamento da esquerda política estão distantes. Parece que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo” (Fisher, 2020), ou que estamos nos encaminhando às distopias narradas por Aldous Huxley (1932) e George Orwell (1949), que imaginam um futuro hipermedicalizado e hipervigiado, entre outras diversas vicissitudes. Ou pior, com a falta de práticas ecosóficas (Guattari, 1989a) e com o aumento da exploração das reservas naturais do planeta, o humano tornou-se o maior parasita planetário, numa atividade predatória sem precedentes. Estamos nos encaminhando a um mundo como os retratados pelos filmes “Mad Max”, onde haverá um grande deserto, o cenário paradoxal da escassez de água e grandes inundações, miséria generalizada, novos ditadores, todo um quadro que nos levará a um cataclisma civilizatório numa guerra de todos contra todos.

Como mudar e transformar o mundo? Como impedir “a queda do céu” (Kopenawa; Albert, 2015)? Qual é o lugar dos pensadores, dos intelectuais, dos acadêmicos da Universidade, para o combate contra estas distopias, a crise social e os autoritarismos políticos? Evidentemente sabemos que temos pouca eficácia política contra a guerra. Discursos e conhecimentos científicos geralmente são ignorados em épocas de conflito bélico, a não ser que sirvam para sobrepujar o inimigo. Conferências, livros ou assembleias e abaixo-assinados têm um escopo de ação muito baixo contra a ação dos bombardeios, ou mesmo do fuzil. São muitos os desafios a se enfrentar, ainda mais se tratamos do limitado escopo de atuação dos intelectuais.

Contudo, não podemos parar de refletir, investigar, pensar, sobre possíveis estratégias de transformação social e política. Pistas para apostar na vida, ao invés de sucumbir à necropolítica neoliberal, ao necroliberalismo (Hur, 2021), pelo qual estamos passando. A iminência do cataclisma não deve paralisar a potência do pensamento e dos afetos. Nesse sentido buscamos algumas pistas teóricas e filosóficas da esquizoanálise, um campo de conhecimentos que vem crescendo muito atualmente, para refletir sobre os possíveis caminhos para a transformação social. Dessa forma, o objetivo deste artigo é discutir algumas alternativas políticas tratadas no pensamento de Deleuze e Guattari para lidar com as distopias do presente.

Algumas questões norteiam nossa reflexão: Quais são as lutas políticas empreendidas no pensamento destes autores? O que se pode fazer para combater esta situação de crise e distopias? Qual é sua concepção sobre a revolução, será que existe a tal revolução, ou ela virá como esperamos? E quem é o novo sujeito político revolucionário?

O método utilizado foi a leitura de toda obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na

qual pinçamos passagens significativas que tratam de algumas pistas para a transformação do atual estado de forças sociais. Evidentemente não procuramos esgotar o tema da política e da transformação social em sua obra, visto que é uma das questões que mais aparecem em seu pensamento. Dentre as diversas estratégias de lutas e pistas revolucionárias abordadas na esquizoanálise, selecionamos discutir quatro tópicos neste ensaio: a luta contra o capital, a luta contra o poder, a luta de classes *multiplicada*, e o movimento da revolução aos devires-revolucionários.

A LUTA CONTRA O CAPITAL

O capitalismo e seu modo de funcionamento assumem lugar central na leitura dos processos sociais e psíquicos na esquizoanálise. Não é à toa que o título de sua obra principal seja *Capitalismo e Esquizofrenia*. Em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari (1972) teorizam e realizam a crítica à “máquina semiótica” do capital, que denominam como *axiomática do capital*. Utilizam esse termo para não restringir o funcionamento do capitalismo apenas ao âmbito do econômico e do político, mas para apreendê-lo como uma máquina abstrata que pode se atualizar nos mais distintos espaços e materialidades.

Em resumo a axiomática do capital funciona com um duplo movimento: decodificação dos fluxos sociais codificados e modulação desses fluxos a partir da lógica desta máxima. Logo, o capitalismo não fomenta fluxos livres como intelectuais liberais defendem, senão um modo de funcionamento que pode ser sintetizado como: a aceleração da produção do objeto qualquer (Deleuze, 1979; Hur, 2018). Então no capitalismo não há a liberdade dissertada pelos pensadores liberais, pois os fluxos decodificados são postos para correr cada vez mais na lógica do rendimento, acelerando sua movimentação e produção. Dessa forma, é uma máquina abstrata que pode se atualizar nas mais distintas materialidades, produzindo uma política neoliberal, instituições neoliberalizadas, uma subjetividade capitalística (Guattari; Rolnik, 1986), bem como um corpocapital (Hur, 2015a), uma vida capital (Pelbart, 2003), produtores de sofrimentos, exploração desenfreada e um desgaste da vida. Traz um câmbio de diagramas no qual não sofremos mais uma servidão maquínica às máquinas de codificação social, mas sim uma sujeição social (Deleuze; Guattari, 1980c).

Deste modo, a questão que se coloca é como lutar contra esse modo de funcionamento, imaterial, propagado em praticamente todas as instâncias sociais e maquínicas? Como romper essa maquinaria do capital? Deleuze e Guattari (1972) compreendem que não é possível isolar-se e ausentar-se de seu funcionamento, o que poderia constituir numa “solução

econômica” do tipo fascista. E hipotetizam que talvez o movimento seja não sair e isolar-se, mas descodificar ainda mais os fluxos de capital: “(...) não retirar-se do processo, mas ir mais longe, ‘acelerar o processo’” (Deleuze; Guattari, 1972, p. 318). Conjecturam como um possível caminho contra o capitalismo a aceleração desses fluxos de mercado a tal ponto que poderia se fomentar uma disrupção. Aceleração que poderia remeter a uma *esquizofrenização* destes fluxos, ou seja, uma raspagem de sua axiomática interna, em direção a um curto-circuito, para a propagação de fluxos caóticos, e de certo modo, livres. Portanto, Deleuze e Guattari parecem defender o programa da aceleração para uma luta anticapital. Tal proposição influenciou os teóricos aceleracionistas que passaram a defender o primado da aceleração dos fluxos sociais e capitalistas, seja para seu desmantelamento (os “aceleracionistas de esquerda”, tal como Mark Fisher), ou para o desmantelamento da política tradicional, do Estado e dos valores sociais instituídos (os “aceleracionistas de direita”, tal como Nick Land).

De qualquer modo, constata-se que a aceleração dos fluxos capitalistas não foi um método exitoso em levar a máquina capitalista a um curto-circuito (Shaviro, 2014); ela continua a acelerar cada vez mais, e os estratos sociais é que são descodificados. Pois acelerar a produtividade do objeto qualquer é o âmago do funcionamento da axiomática do capital. Tal fato denota como o mero aceleracionismo não é o caminho correto para uma revolução de esquerda, mas sim para a revolução neoliberal, que está nos levando à distopia da predação planetária infinita e a uma escravidão humana jamais vista.

Não consideramos que Deleuze e Guattari se equivocaram nessa afirmação, mas que foram incompletos nessa passagem de *o Anti-Édipo*. Pois recordamos que esse programa da esquizofrenização remete também ao que Deleuze e Guattari (1972) denominam ao final deste livro como tarefas destrutiva e positiva. Raspar, desconstruir, o circuito desejante do capital, pautado na hipertrofia da aceleração da produção do objeto qualquer. Demolir seu diagrama de forças, no sentido da produção de um outro por vir, que seja mais transversal, comunal. Essa fórmula de desterritorialização e produção é sofisticada nos Mil Platôs, em que a dupla discute “como criar para si um corpo sem órgãos” (1980a), ou seja, como raspar o corpo cheio do capital para linhas desterritorializadas que se remetam à produção de um outro diagrama de forças? Como fazer essa transição entre corpo cheio e corpo sem órgãos? Raspar o diagrama para levar a um estado informe, grau zero de intensidades, energia livre e não ligada. Portanto, a aceleração defendida por Deleuze e Guattari não é mera aceleração do existente; senão uma espécie de aceleração corrosiva, tal como o próprio exercício do pensar (ou um *Comunismo ácido?*). Na medida em que as engrenagens são colocadas para rodar de modo mais rápido, elas passam a fundir-se, derreter, desmoronar, irrompendo em linhas de

fugas para outras configurações. É o maquinismo do dispositivo da repetição que produz a emergência das diferenças, o retorno das forças ativas (Deleuze, 1968). Produção de desterritorialização da própria axiomática do capital, e não a aceleração da axiomática do capital que resulta na maior desterritorialização dos códigos sociais. Vemos que Deleuze e Guattari (1972) propõem uma espécie de *saída técnica*, de uma *mecânica esquizo*, para a luta contra o funcionamento do capital. A sua aceleração infinita pode fomentar rupturas que desagreguem seu funcionamento para outras linhas de forças, diagramas e possibilidades.

A LUTA CONTRA O PODER

Uma segunda linha de luta que pode ser derivada do pensamento de Deleuze e Guattari é o combate contra todas as formas de poder estratificado e instituído. Não se tem uma teoria negativa do poder, pois tal como no pensamento de Foucault (1976), este é visto como relações de forças vetoriais, que se exercem a todo momento. Então o problema não é o poder, mas sua estratificação que gera hierarquia, dominação e submissão. Por isso que a esquizoanálise assume um projeto ético-estético-político que coloca como um imperativo a luta contra os autoritarismos e os centralismos. Exalta-se como uma espécie de marco zero o acontecimento do Maio de 68 francês, que produziu outra forma de mobilização política, transversal, diante às hierarquias instituídas dos partidos políticos e sindicatos (Deleuze, 1986a): foi a emergência das políticas desejanter, da micropolítica, contra o poder estratificado.

Então, tanto a esquizoanálise, como o livro *O Anti-Édipo*, podem ser vistos como um manual para não se *apaixonar pelo poder*, para seguir uma *vida antifascista* (Foucault, 1977). Nos escritos de Deleuze e Guattari sempre há uma tônica em não se segmentar nas hierarquias, em não seguir a lógica do Estado e do poder instituído.

Deleuze (1986b) inclusive vê no diagrama da antiga cidade grega, não apenas a constituição da filosofia, mas também do projeto da autonomia e de autogoverno dos povos. Para que pudesse haver a democracia de homens livres, só poderia governar os outros aquele que lograsse governar a si próprio, ou seja, a força deveria dobrar-se sobre si mesma. Pois se aquele que governa os outros não sofre uma dobra da força, seu governo não seria uma democracia, senão uma tirania (Deleuze, 1986b; Hur, 2018). Neste momento, há tanto a constituição da pólis, como a própria produção de subjetivação.

Dessa forma em toda sua obra há uma luta contra o poder de forma generalizada. Há a ênfase na luta contra os próprios microfascismos, contra os agenciamentos de desejo

capturantes (Deleuze; Guattari, 1980a), usualmente aparelhados pelo polo paranoico (Deleuze; Guattari, 1972). A máquina abstrata microfascista tem sua concretização máxima no aparelho de captura, no diagrama de soberania (que podemos denominar também como patriarcal). Então essa luta contra a lógica de dominação do *Urstaat*, contra os processos de sobrecodificação estatais, está colocada nos dois tomos de *Capitalismo e esquizofrenia* (Deleuze; Guattari, 1972; 1980c). Deve-se incitar linhas de fuga que escapem do corpo cheio do Estado e do capital, para novos agenciamentos, novas máquinas abstratas, ou melhor, máquinas de guerra (Deleuze; Guattari, 1980c), que aqui preferimos denominar como *máquinas de guerrilha* (Hur, 2022), devido a seu modo de atuação insurgente, molecular, marginal, clandestino. A máquina de guerrilha funciona com um outro diagrama em relação ao Estado e ao capitalismo, incitando linhas de ruptura, movimentos nômades, práticas corrosivas, frente à gravitação do Estado, ou da aceleração do rendimento do capitalismo.

Nesse sentido, Guattari critica diversas vezes os próprios movimentos da esquerda política que passam a reproduzir a lógica da soberania, da hierarquia, dentro de seus coletivos. Ele defende que os revolucionários devem reexaminar seus programas e suas atitudes hierarquizadas (Guattari, 1977), pois os militantes políticos são usualmente portadores do vírus burocrático, ou seja, da estratificação e da organização capturante. “A questão, portanto, não é se devemos ou não nos organizar, e sim se estamos ou não reproduzindo os modos de subjetividade dominante, e isso em qualquer uma de nossas ações cotidianas, inclusive de militância nas organizações” (Guattari; Rolnik, 1986: 176). Neste caso a denúncia é a de que os próprios ativistas políticos podem estar atualizando a lógica estatal, da soberania, dentro de seus movimentos sociais. E esta lógica de captura pode aparecer em qualquer lugar, em grupos de militantes de esquerda e até mesmo em instituições que não são explicitamente políticas, como associações profissionais: “Os modelos repressivos são tão virulentos nos psicanalistas quanto nos militantes” (Guattari, 1977: 26)

Gregorio Barenblitt (1994) defende os princípios da autoanálise e da autogestão como caminhos para a luta contra o aparelho de captura e os microfascismos. Posteriormente, com a invenção do esquizodrama, Barenblitt (1998; 2018) prefere procedimentos mais contundentes, em que intensifica a própria raspagem de si e das práticas dos movimentos e instituições sociais para modos de vida mais libertários e insurgentes. Esta foi uma metodologia que levou em toda sua vida.

Deleuze (1993) também conjecturou um método peculiar de luta contra o poder, que se refere à constituição de regimes de curto-circuito, de confusão, em distintos agenciamentos sociais. Ele utiliza a fórmula do personagem Bartleby, de Herman Melville, *Eu preferiria não*

(*I would prefer no to*) como uma espécie de ritornelo que gera ruídos, disrupção, nos sistemas de comunicação e sociais, instaurando uma espécie de vácuo, de um contrapoder sobre os imperativos sociais. Bartleby com seu *Eu preferiria não* instaura “(...) uma zona de indeterminação que faz com que as palavras já não se distingam, produz o vazio na linguagem” (Deleuze, 1993, p. 85), ou seja provoca uma torção na língua, na comunicação e nos sistemas instituídos. Bartleby é o personagem conceitual que fabrica desvios na fala, criando vacúolos de não comunicação, como uma estratégia para escapar do controle (Deleuze, 1990).

Outro comentador de Deleuze, Philippe Mengué (2013), hipertrofia esse enunciado e passa a defender que o *fazer-se de idiota* de Bartleby supostamente seja a política deleuziana:

A resposta reside no Idiota, seja na ideia de que possamos fazer apenas uma política da indeterminação como condição não causal, capaz de dar chances ao acontecimento (violento, desorganizador) e ao Inesperado (não decidível, programável). É no nada ou no indeterminado que o controle patina, encalha, fica impotente; nessa situação é criado um espaço de abertura em direção a um acontecimento possível (Mengué, 2013, p. 32).

Consideramos que a fórmula de Bartleby é um possível caminho para despistar os regimes tradicionais de poder, entretanto não podemos totalizá-la. Ela pode produzir regimes de confusão, de disrupção, de não comunicação, de desentendimento, que pode desorganizar momentaneamente as linhas segmentárias de poder, mas não vislumbramos as condições suficientes para levar a alguma grande transformação, ou mobilização coletiva. Vemos assim que *fazer-se de idiota* é uma linha de fuga, que remete mais a uma *saída individual*, numa lógica mais *liberal*, do que coletiva, demonstrando uma eficácia política limitada. Por isso defendemos a necessidade de agenciamentos mais coletivos, mais associativos, que possam aumentar o grau de potência das transformações. E aí reside uma das grandes preocupações de Guattari, sobre as modalidades e estratégias de luta sociais que devem ser fomentadas.

A LUTA DE CLASSES MULTIPLICIDADE²

Uma terceira linha de ação que é encontrada no pensamento de Deleuze e Guattari refere-se às modalidades de lutas sociais a serem traçadas. Guattari é mais incisivo nesta temática e escreveu muitos textos sobre as lutas de diversos coletivos sociais. Para ele é

² Este tópico foi em grande parte inspirado pelas provocações e proposições do pensador e filósofo argentino Emiliano Exposto (2023), que ao fazer-nos a dedicatória de seu livro, escreve: *¡Por un esquizoanálisis ligada a la lucha de clases!*

necessário *multiplicar* a luta de classes, generalizá-la para muitas outras frentes, não reduzindo-a apenas ao confronto entre proletariado e burguesia. Pois há uma infinidade de outros movimentos sociais e atualmente a classe operária “não tem mais absolutamente essa potencialidade revolucionária [...]” (Guattari; Rolnik, 1986: 189).

Esta ideia de trabalhar e expandir a luta de classes, fenômeno tradicionalmente abordado pelo marxismo, pode parecer um pouco estranha ao leitor de Deleuze e Guattari por duas questões: a primeira, relativa à sua própria crítica teórica, e outra, de filiação teórico-política-disciplinar.

No âmbito de sua crítica teórica, eles afirmam que a contradição de classes sociais já não é mais o motor da história, pois devido à axiomática do capital, é como se as classes sociais se descodificassem e atualmente teríamos apenas uma classe social com tendência universalista: a burguesia (Deleuze; Guattari, 1972; Hur, 2013; 2018). Mesmo com tal afirmação, eles não erradicam as diferenças e abismos entre pobres e ricos, a exploração existente, mas compreendem que já não é o conflito entre esses dois estratos que movem os processos sociais. E que tampouco essas duas classes (burguesia e proletariado) tenham funcionamentos tão distintos, pois ambos são escravos desse diagrama social, aspiram e se identificam com a *classe burguesa universal* (Deleuze; Guattari, 1972) e atualizam a mesma subjetividade capitalística, por mais que tenhamos claro que os pobres e minorias sociais sofram muito mais nesse processo. Em decorrência desse enunciado, no pensamento de Deleuze não há uma ênfase na questão da luta de classes; mas essa problemática permanece nos escritos de Guattari, possivelmente influenciado pelos seus mais de dez anos como militante do Partido Comunista Francês.

No âmbito da filiação teórica-política-disciplinar pode parecer estranho, após a crítica citada acima, que este tradicional conceito marxista, a luta de classes, continue no pensamento esquizoanalítico. Ademais, os estudiosos marxianos geralmente costumam deplorar a esquizoanálise denominando seus pensadores como pós-modernos e por outros adjetivos depreciativos. Por mais que Guattari e Deleuze tenham uma forte base marxista, os pensadores marxianos não reconhecem sua proximidade. Inclusive Deleuze tinha projetado como sua última obra um livro “Sobre a grandeza de Marx”, que se escrito provavelmente contribuiria para uma politização da esquizoanálise, bem como uma *esquizofrenização* do marxismo. Em *Derrames I e II*, Deleuze (1971/1972; 1979) maneja com maestria concepções e conceitos de Karl Marx. De qualquer forma reconhecemos que muitos estudiosos da esquizoanálise operam uma espécie de deriva liberal, ou despolitizada, mas também constatamos que há muitos outros estudiosos que tentam articular o pensamento deleuzo-

guattariano ao marxismo, como Antonio Negri, Maurizio Lazzarato e até mesmo Gregorio Barenblitt³. Ponderamos que essa feudalização de linhas teóricas-disciplinares muitas vezes mais atrapalha do que ajuda, em que afasta conhecimentos que podem se articular e compor uma máquina de guerrilha mais potente para os dias contemporâneos. Pensadores marxianos em geral são muito sectários e dogmáticos, buscam uma espécie de pureza nos estudos do campo marxista e adjacências e se jactam em encontrar os desvios e dissidências, obviamente os excluindo. Essa ação é muito próxima a que Foucault (1978/1979) denomina como o racismo de Estado; sendo uma forma de *racismo teórico*, em que se advoga uma superioridade aos que compartilham do mesmo conjunto de significantes, do mesmo dogma teórico, e se exclui e deprecia os diferentes, ou *revisionistas*. Nesse aspecto marxistas e lacanianos funcionam de forma muito semelhante, de modo dogmático, fundamentalista e quase-religioso, enxergando as diferentes teorias como outros feudos, ou clãs, entrando assim num regime de oposição negativa. Há uma fixação na imagem do pensamento, na *doxa* (Deleuze, 1968), que pode gerar uma paralisia do, ou mesmo, um *parasitismo* sobre, o pensamento. Contudo, Deleuze, Guattari e Barenblitt preferem transitar nas margens, nas articulações, realizando roubos, tráficos e bricolagens. Por isso nos atrevemos a dizer que a esquizoanálise que elaboram está mais próxima de um *pós-marxismo*, ao invés do *pós-modernismo*, que inclusive é uma corrente teórica que Guattari (1989b) critica em vários de seus textos.

Com uma postura antidogmática Guattari (1977) insiste na temática da luta de classes para pensar a resistência diante à dominação. Mas numa luta de classes revitalizada, que não reside apenas na luta operária, do proletariado, ela se multiplica em vários lugares e processos, ou melhor, *multiplicita-se*.

a luta de classes não passa mais simplesmente por um *front* delimitado entre os proletários e os burgueses, facilmente detectável nas cidades e nos vilarejos; ela está igualmente inscrita através de numerosos estigmas na pele e na vida dos explorados, pelas marcas de autoridade, de posição, de nível de vida; é preciso decifrá-la a partir do vocabulário de uns e de outros, seu jeito de falar, a marca de seus carros, a moda de suas roupas, etc. (Guattari, 1977: 15).

Dessa forma, a luta de classes se generaliza para uma série de segmentos sociais, como dos pacientes contra os médicos, os alunos contra os professores, as crianças contra os adultos, contra todos estes que ocupam os estratos dominantes de modo vertical e autoritário.

³ Também podemos citar a literatura recente publicada em língua inglesa que realiza tal aproximação, em que vale destacar os livros *Deleuze, Marx and Politics* (Thoburn, 2003), *Returnig to revolution: Deleuze, Guattari and Zapatismo* (Nail, 2012), *State and politics: Deleuze and Guattari on Marx* (Silbertin-Blanc, 2016), entre outros.,

Ela se universaliza contra todas as formas autoritárias e despotencializadoras da vida. Decorre-se que a luta de classes deva ser transferida a todas as minorias sociais que são oprimidas, como a diversidade sexual contra a lógica heterocisnormativa; as populações rurais contra a população urbana; os negros, quilombolas e indígenas contra o homem branco; e obviamente a mulher contra o homem machista e sexista. Inclusive numa luta que remeta até a instâncias não humanas, como das rádios livres contra os grandes meios de comunicação, a luta ecológica e ecosófica contra a predação descontrolada humana. Então, ao invés de cada grupelho operar individualmente, ou brigar entre si, por que “não se multiplicam ao infinito?” (Guattari, 1977: 17). Nesse caso, deve-se articular os diferentes “traços de singularidade e heterogeneidade” (Guattari, 2004: 71) dos movimentos, em que as identidades devem fazer transição às multiplicidades, saírem de seus Eus identitários para as multiplicidades insurgentes contra o poder. Torna-se fundamental “conectar uma multiplicidade de desejos moleculares, conexão esta que pode desembocar em efeitos de ‘bola de neve’, em provas de força em grande escala” (Guattari, 1977: 177). Compor os diferentes segmentos de luta, as diferentes máquinas de guerrilha, e aumentar sua potência de transformação. E assumir que as lutas são transversais e que cada um ocupa múltiplos lugares, onde muitas vezes é oprimido no cotidiano de inúmeras formas. Portanto, Guattari já abre seu pensamento para a articulação entre luta de classes e luta contracolônia, numa interseccionalidade dos processos, ou melhor, uma transversalidade das lutas das minorias sociais, que podemos denominar também como uma *transseccionalidade* da luta de classes (Hur, 2022).

Guattari não apenas universaliza a luta de classes, como adiciona uma mudança de postura, de sensibilidade, para combater os microfascismos que podem eclodir em qualquer lugar, inclusive em seus aliados de movimento social.

Estas duas lutas podem não se excluir mutuamente: de um lado, a luta de classes, a luta revolucionária de libertação implica na existência de *máquinas de guerra* capazes de se opor às forças opressivas, tendo para isto que funcionar com um certo centralismo, ou ao menos estar sujeitas a um mínimo de coordenação; do outro lado, a luta dos agenciamentos coletivos, no *front* dos desejos, exercendo uma análise permanente, uma *subversão de todos os poderes*, a todos níveis” (Guattari, 1977: 21).

Nesse sentido, Félix advoga por essa articulação entre uma luta macropolítica que possa coordenar vários movimentos que assumam esse potencial instituinte contra os estratos opressivos, ao mesmo tempo em que defende uma micropolítica dos agenciamentos desejantes, em que se procura uma autoanálise permanente para não sucumbir ao amor ao poder e aos autoritarismos. Além dos campos da economia política e da organização coletiva,

adentra na esfera de uma economia subjetiva e desejante (Guattari; Rolnik, 1986). Isto é, articula uma atitude militante de uma revolução permanente não apenas contra o inimigo externo, mas também de uma revolução nos agenciamentos internos ao movimento, e mesmo em si próprio, num exercício contra a emergência de um desejo capturante, de poder, segmentar, e ou microfascista. Então não é apenas uma luta contra o fora, mas também uma luta interna, contra os próprios microfascismos (Deleuze; Guattari, 1980a), a qual pode gerar a constituição de uma nova subjetividade revolucionária. “As máquinas de luta revolucionária têm que devir elas próprias agenciamentos de produção de novas realidades sociais e de novas subjetividades” (Negri; Guattari, 1985: 99). Deve haver uma liberação psíquica coletiva, uma revolução anímica, no processo de politização da vida (Exposto, 2023). Portanto, consideramos que a esquizoanálise não abandona a luta de classes, mas a amplia, multiplica, leva-a a outro patamar, pluralizando-a e alterando sua sensibilidade, seu escopo de ação. Deve ser uma prática associativa entre as pautas heterogêneas dos coletivos diversos, abrangendo e fomentando novas formas de lutas e outras semiotizações. Portanto, não se deve esperar os “novos bárbaros”, a nova “classe” insurgente, o novo proletariado, mas aliar-se aos coletivos já existentes, com toda sua heterogeneidade, nesse processo de fomento das revoluções locais e moleculares. Revolucionar-se a si próprio já é uma grande transformação. Pode-se afirmar então que a esquizoanálise é classista, mas no sentido de defender uma luta de classes plurais, rizomáticas e multiplicitárias: revoluções moleculares que articulam corrosões e agenciamentos.

DA REVOLUÇÃO AOS DEVIRES-REVOLUCIONÁRIOS

O quarto e último aspecto abordado neste texto é a questão da revolução para a esquizoanálise. A revolução não é vista de um modo teleológico, como na tradicional esquerda política, em que ela será concretizada, por exemplo, com a tomada do poder do Estado. Inclusive Deleuze (1994) enxerga uma incompatibilidade entre o pensamento da esquerda política, de transformação, e o Estado. Esta Instituição, enquanto aparelho de captura, tem como uma de suas principais atribuições a conservação dos processos (Deleuze; Guattari, 1980c); Estado etimologicamente refere-se a estático. Nesse sentido o Estado atualiza o diagrama da soberania, da captura, patriarcal, numa *estratopolítica* que mais lhe interessa a conservação dos regimes instituídos de forças (Hur, 2014). Então há uma inconciliabilidade entre prática revolucionária e gestão do Estado. Por isso que uma das decorrências do pensamento esquizoanalítico pode ser sintetizada pelo título do livro de John

Holloway (2003), *Mudar o mundo sem tomar o poder*.

A revolução na esquizoanálise não é só macropolítica, um lugar a se chegar, ela é construída no dia-a-dia, nas revoluções moleculares. Tal como citado no tópico anterior, a revolução molecular não abrange apenas a luta social macropolítica, mas também uma autotransformação de si, subjetiva e afetiva, próxima a que Che Guevara (1960) consignava sobre o surgimento do “homem novo”. A revolução molecular é vista como uma “unidade de subversão desejante” (Guattari, 1977: 17), em que os focos moleculares dos diversos coletivos sociais podem entrar em conexão, aumentando seu potencial de vibração e ação, e gerar até revoluções molares, macropolíticas.

“Nestas condições, a perspectiva de transformações revolucionárias, e a capacidade coletiva de assumir o controle da vida cotidiana e dos desejos, em todos os âmbitos do campo social, tornaram-se instâncias absolutamente inseparáveis” (Guattari, 2004: 56). Revolucionar o mundo e a si mesmo, numa ação em que o discurso não entra em contradição com a prática, pois ambos devem estar agenciados por investimentos desejantes revolucionários. Ser revolucionário no partido e no sindicato, mas também na própria vida, no cotidiano, no trabalho, nas práticas sexuais, com os amigos e a família. Aqui vale destacar a distinção que Deleuze e Guattari (1972) realizam sobre consciência revolucionária e investimentos desejantes revolucionários. Para ser revolucionário não basta aderir ideologicamente a conteúdos semânticos da esquerda política, não basta adotar seus conteúdos ideológicos, ou ser militante. A consciência pode ser o lugar da ilusão, como já advertia Espinosa (Deleuze, 1981). Sabe-se que há muitos líderes de esquerda, com uma consciência revolucionária exemplar, mas que operam um autoritarismo à la Stalin, com investimentos desejantes capturantes. Também houve muitos guerrilheiros brasileiros exilados que proibiram suas companheiras de participar do movimento feminista (Carvalho, 1998), talvez aí estivesse até o embrião do *esquerdomacho* brasileiro. Para escapar dessas contradições é necessário estar agenciado pelo polo esquizo revolucionário, que fomenta fluxos nômades e insurgentes, que levam a uma prática instituinte, em contraposição ao polo paranoico (Deleuze; Guattari, 1972). Os investimentos desejantes revolucionários incitam a mudança e a transformação, numa prática de desterritorialização, verdadeira *esquizofrenização* dos fluxos, uma política nômade, *nomadopolítica* (Hur, 2015b), enquanto o polo paranoico fomenta fluxos capturantes, de fixação e estratificação, que geram uma *estratopolítica* (Hur, 2014) comprometida com a manutenção e ou a aquisição de um poder heterônomo, vertical e hierarquizado. E é muito comum, tal como supracitado, movimentos de esquerda se aparelharem no polo paranoico, surgindo lideranças autoritárias, sectárias, que apresentam um

discurso libertário, mas uma prática persecutória e de soberania. E constituem assim o oposto ao consignado por Guattari (1977), ao invés dos diferentes coletivos sociais se agenciarem e constituírem uma potência maior, preferem fechar-se em seus grupelhos, criando um dialeto comum, com pouquíssima relação com outros discursos e pouco realizando um trabalho de base, de massas, para difundir suas plataformas políticas e aumentar seu movimento. Gera-se o inverso, seu isolamento, *máquinas celibatárias*, muitas vezes permeadas por um discurso de ressentimento e por forças reativas, que podem levar a um adoecimento e despotencialização, afastando a práxis revolucionária.

Nesse sentido, Deleuze (2003) afirma que não devemos nos preocupar com o futuro da revolução, mas sim com os devires revolucionários. O futuro da revolução está mais relacionado com uma teleologia, a lógica da transcendência, com uma ênfase consciencial. Já o devir revolucionário é a própria propagação do movimento em si, o lançar-se a um fluxo de mudança e devir em que toda lógica do ser pode ser transmutada. O devir revolucionário consiste em situar-se e viver no *entre*, “não se confunde com o passado, o presente nem o porvir das revoluções” (Deleuze; Guattari, 1991: 145), ele se desloca, passa entre os diferentes planos, pois todo devir refere-se a um bloco de coexistência (Deleuze; Guattari, 1980b). Sua propagação remete ao trânsito e ao movimento de desarranjo de um diagrama para a constituição de um outro, que ainda está em constituição, é a atualização da máquina de guerrilha.

[...] de modo que é preciso distinguir as utopias autoritárias ou de transcendência, e as utopias libertárias, revolucionárias, imanentes. Mas, justamente, dizer que a revolução é, ela mesma, utopia de imanência não é dizer que é um sonho, algo que não se realiza ou que só se realiza traindo-se. Pelo contrário, é colocar a revolução como plano de imanência, movimento infinito, sobrevôo absoluto, mas enquanto estes traços se conectam com o que há de real aqui e agora, na luta contra o capitalismo, e relançam novas lutas sempre que a precedente é traída (Deleuze; Guattari, 1991: 130).

O devir revolucionário é a propagação na lógica da imanência, e não da transcendência. Mas não é um sonho, ilusão, delírio, é o agenciamento concreto com o real e com os desafios que se colocam. Então se materializa na luta anticapitalista, na luta contra o poder hierarquizado e despotencializador, nas organizações autogestionárias, numa prática *transseccional* de múltiplas e multitudinárias classes e coletivos sociais. E não se preocupa com sua perpetuação, é mais um *movimento* que um *estado*, zona de passagem do que um ponto de chegada. Campo de vibrações, de enlases e agenciamentos (Deleuze; Guattari, 1991) que produzem disrupções e acontecimentos.

Cabe adicionar que todo devir revolucionário remete à potência das minorias, a devires minoritários. Destacamos que por minoritário, Deleuze e Guattari (1980c) referem-se a minorias em relação aos regimes de poder instituídos e não a minorias numéricas. Assim, a mulher é uma minoria, o negro, o pobre, o indígena, o imigrante, a pessoa trans, as populações periféricas, pessoas com deficiências físicas e cognitivas, todos minorias. Nós latino-americanos também somos uma minoria, mesmo que muitos de nós queira se convencer do contrário, de que supostamente somos europeus, brancos, ricos; fenômeno que é decorrência direta da noopolítica atual (Lazzarato, 2006), de uma colonização subjetiva, da eurocolonização, que é a crença de ser igual à imagem do colonizador, de ter sua mesma rostidade. A própria ideia de América Latina é resultado da colonização. Mais que América Latina, Améfrika Ladina.

Devir minoritário remete assumir as próprias singularidades e partir do próprio campo para a constituição de uma ação política e existencial. Nesse caso não cabe esperar eternamente o surgimento dos “novos bárbaros”, do “novo proletariado”, do “novo sujeito revolucionário”, sejam eles os palestinos, os povos originários, ou mesmo os estudantes secundaristas que ocuparam as escolas na década passada (Hur; Couto, 2019). Não há que se esperar a chegada de Godot (Beckett, 1952), permanecer na esperança transcendente e messiânica, mas atualizar desde já, no aqui e agora, esses fluxos de movimento e transmutação. Partir de nossas minoridades, de nossas margens, não achando que as minorias são apenas os outros, mas assumir que nós mesmos somos minorias para produzir nossas utopias ativas. Partir do mal-estar das injustiças e das opressões sofridas, mas não se perpetuar nelas e no ressentimento, mas também traçar políticas do desfrutar, da alegria, da erotização do pensamento e da política (Exposto, 2023). “A revolução é a desterritorialização absoluta no ponto mesmo em que esta faz apelo à nova terra, ao novo povo” (Deleuze; Guattari, 1991: 131). O devir revolucionário nos tira da lógica da transcendência, forçando com que naveguemos em nosso plano de imanência, sem que nos fechemos a um claustro ou na lógica do Eu. Para devir revolucionário devemos sempre estar em contato com o real e o campo de forças que nos rodeia, mantendo-nos em uma vibração contínua e na vazão dos fluxos desejantes e transformadores em qualquer instância. Produzir novas linhas, outros territórios, parir outros mundos, sonhos, e nós, como novos povos, outras subjetivações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos extrair do pensamento de Deleuze e Guattari algumas pistas

para a transformação social e para a luta política. Dentre suas diversas propostas e elaborações, selecionamos quatro aspectos: a luta anticapitalista, a luta contra o poder, a luta de classes multiplicada e a transição da revolução ao devir revolucionário. Constata-se que sua pragmática revolucionária se afasta da esquerda tradicional, que opera através dos tradicionais processos de *conscientização social*, que busca a desalienação e desideologização, mas que também pode doutrinar com seus códigos significantes instituídos. Tal postura, que se refere à fórmula marxista, geralmente é vertical e reprodutora de um “discurso correto”, frente aos considerados equivocados (os ideológicos). Nesse sentido a esquizoanálise não opera com uma dogmatização teórica e acadêmica, mas sim com a busca de articulações e novas linhas que remetam a processos de corrosão da lógica do capital, bem como uma atitude de ruptura dos sistemas de poder instituídos. Defende também um programa de lutas associativas, em que haja a ampliação da luta de classes tradicional para a articulação a uma infinidade de coletivos sociais, havendo assim uma *transseccionalidade da luta de classes*, que visa transformar as relações de forças, mudar o mundo, mas também a transformar a si próprio, numa luta política, econômica, subjetiva, afetiva e desejante. Deve-se destacar que a esquizoanálise não é um antimarxismo, pois há um movimento de ampliação, multiplicação e torção das enunciações marxianas. Se Marx e Engels trazem o primeiro momento de uma Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt, sua segunda etapa, ousamos afirmar que Deleuze e Guattari trazem o terceiro momento de uma Teoria crítica da sociedade, constituindo uma espécie de *pós-marxismo*. Inclusive a primeira versão deste artigo havia recebido um título um tanto marxista: *Esquizoanálise e a luta anticapitalista, classista, contra o poder e revolucionária*.

E a revolução na esquizoanálise não fica restrita ao campo do ser, mas principalmente do devir, do devir revolucionário, que é o movimento instituinte, em fluxo, de autoalteração e autotransformação. Lutar contra o fascismo externo, bem como os microfascismos internos aos nossos coletivos sociais, ou mesmo impregnados nos investimentos desejantes. Habitar o entre, as zonas de passagem e os blocos de transformação, isso é devir revolucionário.

Devir revolucionário nos ensina que o pensador não deve ter as respostas sobre o futuro da revolução, pois ele não é um oráculo, nem um ideólogo, que fica refletindo isolado em sua torre de marfim. Pelo contrário, ele também pode fazer parte de minorias. O intelectual não precisa ter ou querer respostas prontas e rápidas, mas deve ficar com o problema, com as perguntas, numa perpétua postura de problematização sem cair no juízo da moral, ou de uma suposta superioridade. Tensionar o problema, regurgitá-lo, devorá-lo novamente, transpirá-lo, virtualizar e atualizar a potência da tensão. Problematizar e atuar não

com o método do consenso ou da harmonia, mas sim com o da insurgência, de uma política nômade, um ativismo acadêmico-político comprometido com a vida e com a potencialização das minorias. O pensador deve ser um militante da vida e das forças ativas e não da morte, do ressentimento e das forças reativas. Deixar de ser contagiado pelo niilismo das distopias, e do *nioliberalismo*, de acordo com Fisher (2021), e produzir assim sua Utopia Ativa, navegando o plano de imanência com os movimentos e potência de criação do pensamento. Acreditar e produzir vida coletivamente, parir um mundo em que caibam outros mundos, é um modo de devir revolucionário, sua política revolucionária.

REFERÊNCIAS

- BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**. Rio de Janeiro, Record, 1994.
- BAREMBLITT, Gregorio. **Introdução à esquizoanálise**. Belo Horizonte, Ed. Instituto Félix Guattari, 1998.
- BAREMBLITT, Gregorio. **Esquizodrama: 10 proposições descartáveis**. Belo Horizonte, Ed. Instituto Gregorio Barembritt, 2019.
- BECKETT, Samuel. **Esperando Godot** [1952]. São Paulo, Cosac Naify, 2006.
- CARVALHO, Luiz Makloun. **Mulheres que foram à luta armada**. São Paulo, Globo, 1998.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição** [1968]. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Derrames: Entre el capitalismo y la esquizofrenia** [1971-1972]. Buenos Aires, Cactus, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Derrames II: Aparatos de Estado y axiomática capitalista** [1979]. Buenos Aires, Cactus Editorial, 2017.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia Prática** [1981]. São Paulo, Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **El poder: curso sobre Foucault (Tomo 2)** [1986a]. Buenos Aires, Cactus editorial, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **La subjetivación: curso sobre Foucault (Tomo 3)** [1986b]. Buenos Aires, Cactus Editorial, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações** [1990]. São Paulo, Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica** [1993]. São Paulo, Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Deleuze**. (Vídeo), 2004.

DELEUZE, Gilles. **Dos Regímenes de locos**: Textos y entrevistas (1975-1995) [2003]. Valencia, Pré-Textos, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Capitalismo e Esquizofrenia**: O Anti-Édipo [1972]. São Paulo, Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia [1980a], vol. 3. São Paulo, Ed. 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia [1980b], vol. 4. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia [1980c], vol. 5. São Paulo, Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** [1991]. São Paulo, Ed. 34, 1992.

EXPOSTO, Emiliano. **Las máquinas psíquicas**: ¿Qué hacer con la crisis de la salud mental? Buenos Aires, Nido de vacas, 2023.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo, Autonomia Literária, 2020.

FISHER, Mark. **Postcapitalist Desire**: The Final Lectures. Londres: Repeater Books, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I**: A vontade de saber [1976]. Rio de Janeiro, Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. Preface. In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia. New York, Viking Press, 1977, p. XI-XIV.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: Curso no Collège de France [1978-1979]. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

GUATTARI, Félix. **Plan sobre el planeta**: Capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares. Madrid: Traficantes de sueños, 2004.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular** [1977]. São Paulo, Brasiliense, 1981.

GUEVARA, Ernesto. **A guerra de guerrilhas**. vol. 3 [1960]. São Paulo, Edições Populares, 1982.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias** [1989a]. Campinas, Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Cartografías Esquizoanalíticas** [1989b]. Buenos Aires, Manantial, 2000.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, Vozes, 1986.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo, Viramundo, 2003.

HUR, Domenico Uhng. Contributions of Schizoanalysis for Critical Psychology in Brazil. **Annual Review of Critical Psychology**, n. 10, p. 203-218, 2013. Disponível em:

<https://thediscourseunit.files.wordpress.com/2016/05/brazil-v-203-218.pdf>

HUR, Domenico Uhng. Da guerrilha ao Estado: a estratopolítica. **Revista electrónica de Psicología Política**, vol. 32, p. 16-36, 2014. Disponível em:

<http://www.psicopol.unsl.edu.ar/pdf/2.pdf>

HUR, Domenico Uhng. Corpocapital: códigos, axiomática e corpos dissidentes. **Lugar Comum**, n. 45, p. 232-245, 2015a. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/49945/27221>

HUR, Domenico Uhng. A política nômade: a guerrilha contra o Estado. **Cahiers de Psychologie Politique**, n. 27, 2015b. https://doi.org/https://doi.org/10.34745/numerev_955

HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, política e esquizoanálise**. Campinas, Alínea, 2018.

HUR, Domenico Uhng. **Esquizoanálise e esquizodrama**: clínica e política. Campinas, Alínea, 2022.

HUR, Domenico Uhng. Discursos sobre a retórica governamental de Bolsonaro: louco, genocida, necroliberal ou cortina de fumaça?. **Lugar comum**, n. 61, p. 190-210, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46546/25120>

HUR, Domenico Uhng; COUTO, Maria Luiza B. S. Ocupações na cidade: políticas da multidão na produção do comum. **Revista Psicologia política**, vol. 19, n. 45, p. 261-274, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v19n45/v19n45a09.pdf>

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo** [1932]. São Paulo, Globo, 2000.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. **Políticas del acontecimiento**. Buenos Aires, Argentina, Tinta Limón ediciones, 2006.

MENGUÉ, Philippe. Espaço liso e sociedades de controle ou a última política deleuziana. In S. Gallo, M. Novaes; L. B. O. Guarienti (Orgs.). **Conexões**: Deleuze e política e resistência e... Petrópolis; DP et Alii; Campinas: ALB; Brasília: CAPES, 2013.

NAIL, Thomas. **Returnig to revolution**: Deleuze, Guattari and Zapatismo. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.

NEGRI, Antonio; GUATTARI, Félix. **As verdades nômades**: por novos espaços de liberdade [1985]. São Paulo, Autonomia literária e Ed. Politeia, 2017.

ORWELL, George. **1984** [1949]. Jandira, Pricipis, 2021.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo, Iluminuras, 2003.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução faltou ao encontro**: os comunistas no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1990.

SHAVIRO, Steven. Sobre o aceleracionismo. **Lugar comum**, n. 41, p. 281-292, 2014.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/50654/27493>

SILBERTIN-BLANC, Guillaume. **State and politics**: Deleuze and Guattari on Marx. South Pasadena: Semiotext(e), 2016.

THOBURN, Nicholas. **Deleuze, Marx and Politics**. Nova Iorque: Routledge, 2003.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).